NEWS LETTER

MARÇO

- 20 anos de ASMAMJ: Juntas tecendo nossa história

- Conservação de base comunitária e história do Médio Juruá são temas de curso para professores das escolas rurais de Carauari

- Comunidade Bauana sedia o primeiro encontro da cadeia produtiva de oleaginosas no Médio Juruá

INSTITUTO JURUÁ
POVOS, RIOS E FLORESTAS

SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

DOAR

20 anos de ASMAMJ: Juntas tecendo nossa história

Associação de mulheres realiza a sua 20ª Assembleia Geral e celebra a sua história de lutas e conquistas com mais de 200 participantes do Médio Juruá.

Por **Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá - ASMAMJ**

A Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá - ASMAMJ - é uma organização de base comunitária que luta pela valorização das mulheres e garantias dessas ao acesso às políticas públicas, direito e cidadania, fomentando a participação feminina no meio social, político e econômico de suas comunidades e no território como um todo. A associação nasce do anseio de mulheres moradoras de unidades de conservação (UC), após terem o direito à terra garantido nas UCs, lutarem por seu espaço de direito.

O Território Médio Juruá, assim como em outras áreas do norte do Brasil, têm sua história marcada pelos ciclos da borracha. Os seringalistas exploravam os seringueiros com regimes de trabalho análogos a escravidão. As famílias eram obrigadas a comprar os itens básicos de sobrevivência por valores absurdos nos barracões ou regatões, por isso, ao longo do tempo as mulheres desenvolveram estratégias próprias, utilizando o conhecimento tradicional passado de geração em geração, para cuidar da saúde e do bem-estar da família.

Contexto histórico de lutas da ASMAMJ contado pelas mulheres que iniciaram a luta desse movimento no Médio Juruá. Foto: Everson Souza.

Após décadas sofrendo com a exploração, com o apoio do Movimento de Educação de Base – MEB, a população começou a organizar-se para reivindicar o direito à terra e a sua própria existência.Foi criada, assim, a primeira associação local, em 1994 - a ASPROC (Associação dos Produtores Rurais de Carauari) -, sendo fundamental para garantir a independência do domínio dos patrões e lutar por suas reivindicações de forma oficial. Como fruto dessa luta, em 1997 foi criada a Reserva Extrativista do Médio Juruá (RESEX Médio Juruá) e em 2005 a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (RDS Uacari), passos significativos para a garantia do território e dos verdadeiros donos das terras. Nesse cenário, as mulheres sempre estiveram presentes, no entanto, tinham pouco espaço; eram privadas de participar dos momentos deliberativos e ficavam muito restritas ao ambiente doméstico, mas essa realidade começou a incomodá-las. Por isso, de forma organizada e através do apoio de instituições como o MEB, que destacou em seu último ciclo de atuação as mulheres como prioridade, e o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), através de sua gestora na época Rose Batista, uma autoridade importante dentro do processo -, as mulheres do território puderam se organizar e começaram a reivindicar o seu espaço de direito, denunciando violências e silenciamentos, buscando a sua liberdade e autonomia de participação ativa e, principalmente, a independência financeira, pois as mesmas até então não eram vistas como pessoas de direito e de voz por seus próprios maridos.

Assim, em 2001 aconteceu o primeiro encontro de mulheres do Médio Juruá, onde foi firmado o compromisso da criação da ASMAMJ. Durante o processo inicial, houve muitas dificuldades para formalizar a associação, devido às burocracias e, principalmente, às questões logísticas, já que as mulheres não tinham recursos para deslocarem-se até a cidade para idas ao cartório e nem tinham como manter uma representante na cidade por muitos dias. Outro desafio, vivenciado pelas primeiras presidentas, era quanto à escolarização, visto que durante esse período poucas mulheres eram alfabetizadas. No entanto, com o apoio do MEB, ICMBio e posteriormente com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e outros parceiros, em 2004 a associação foi formalizada representando um novo momento para as mulheres, que ansiavam fortemente por um espaço que as acolhesse e que as representassem.

Atualmente a associação atua nas comunidades da RESEX Médio Juruá, RDS Uacari, Área do acordo de pesca do baixo Carauari e da Aldeia Indígena Kanamari no município de Carauari, estado do Amazonas. Conta com 215 associadas que atuam em pólos de produção, gerando renda às suas participantes. Além disso, a associação realiza ações que valorizam o conhecimento tradicional, a promoção de direitos e a equidade de gênero.

Plenária participativa da assembleia geral da ASMAMJ março de 2024 – Foto: Everson Souza.

Durante a Assembleia Geral da ASMAMJ realizada entre os dias 06 a 08 de março de 2024, na comunidade Bom Jesus, as mulheres fundadoras presentes puderam compartilhar com as associadas e os convidados um pouco de como foi esse processo. Elas relembraram algumas dificuldades para conseguirem se reunir, como ir remando para fazer as reuniões, sendo que hoje a ASMAMJ possui embarcação própria e conta com a disponibilidade de embarcações de parceiros. Também disseram que, no início, não sabiam sobre os procedimentos para a legalização da associação, mas que junto a parceiros, como a Rosi Batista, conseguiram a sua devida regulamentação. A atual diretora Olívia, da comunidade do Pupuaí, que fez parte do início da organização, relembrou a primeira assembleia feita na comunidade Bom Jesus, e encorajou as associadas a não desistirem e que caminhem sempre para frente. Relembrou de sua mãe, que já faleceu, mas que também foi à luta pela ASMAMJ.

Na história, que foi narrada pelas mulheres fundadoras e pioneiras da associação, Maria Luci afirma que "a ASMAMJ foi criada para tirar as mulheres das 'garras do marido' em busca de sua independência, seus direitos e empoderamento". Para Maria das Neves, da comunidade Novo Horizonte, que hoje é diretora da ASPROC e acaba de encerrar um mandato de diretoria pela ASMAMJ: "elas conseguiram seus espaços na sociedade enquanto mulher, pois as reuniões de antigamente quem representava as comunidades eram os homens, enquanto as mulheres ficavam em casa". Neves afirma que foram muitas dificuldades, e que algumas das fundadoras já faleceram, mas que o recado é que não se deve desistir, que "a associação está fortalecida e o caminho é de fortalecimento contínuo". A recém eleita vice- presidenta da ASMAMJ, Ivanete Marreira Figueiredo, da comunidade Xibauá, incentiva a juventude a seguir com o trabalho que foi iniciado por mulheres muito fortes. Marta Salvino, da comunidade Roque, relembra que sua comunidade participa desde o início da criação da associação. Ela enfatizou a alegria em ver a ASMAMJ com tantas associadas e pontuou a necessidade da criação da organização das mulheres, visto que naquela época a ASPROC, era considerada por muitos uma associação formada majoritariamente por homens e que as mulheres não tinham espaço de protagonismo. Atualmente, Marta e suas filhas são associadas e ela diz orgulhosamente que "O lugar da mulher é onde ela quiser". Afirma que ainda há mulheres que não participam de reuniões e assembleias por conta dos maridos que não dão permissão. Sendo assim, é preciso lutar para que isso não ocorra mais.

No dia 16 de junho de 2024, a organização completa 20 anos de existência, e as fundadoras agradecem o trabalho que vem sendo realizado pela liderança atual, formada por mulheres jovens e empoderadas, que tem dado prosseguimento a esse trabalho de inúmeras lutas e vêm galgando por um caminho de muitas conquistas.

Assembleia geral da ASMAMJ na comunidade Bom Jesus Março de 2024 RDS-UACARI, momento de celebração dos 20 anos da associação. Foto: Everson Souza

Como resultado desse trabalho, atualmente a associação conta com polos de produção, como a extração artesanal da andiroba; produção de biocosméticos e saboaria; e produção de biojoias com escamas de peixes manejados localmente. Além disso, está buscando consolidar a extração de óleo essencial de plantas da região e, em parceria com a Natura, desenvolverá a cadeia produtiva da Mutamba, a ser utilizada na fabricação de produtos da empresa - parceria que já é desenvolvida com outras associações do território. Ademais, possui um corpo técnico que auxilia na realização de atividades e no desenvolvimento de projetos, graças às parcerias com instituições, como a Sitawi, o Fundo Casa, o Fundo de Repartição de Benefícios, o Memorial Chico Mendes, o PNUD, entre outras. A sede atual da ASMAMJ hoje encontra-se na comunidade de São Raimundo (RESEX Médio Juruá) e conta com uma Casa de Destilação, escritório, bote com motor para deslocamento, material de escritório, dentre outros bens que são frutos desses 20 anos de história. É um sonho também ter uma sede própria na cidade de Carauari, já que hoje a associação compartilha do mesmo edifício histórico em que o Instituto Juruá está sediado, onde no passado abrigou o CNS (Conselho Nacional das Populações Extrativistas). Acreditamos que com uma sede própria da ASMAMJ, as necessidades das mulheres do Médio Juruá seriam melhores atendidas com os serviços ofertados pela associação, como a assistência psicológica e as vendas dos produtos em um espaço próprio e identitário.

Mesmo diante de tantas conquistas ainda há desafios a serem superados, como a baixa participação das mulheres em espaços de tomadas de decisões, como no Conselho Gestor das Reservas (RDS E RESEX), onde, basicamente, todas as agendas socioambientais do Território Médio Juruá são decididas. Porém, se espera que com a capacitação em Gestão Territorial para mulheres, que será realizada pela ASMAMJ, dentre outros serviços previstos para 2024, elas possam se empoderar ainda mais e passar a representar suas comunidades em todos os espaços que elas desejam ocupar.

Conservação de base comunitária e história do Médio Juruá são temas de curso para professores das escolas rurais de Carauari

O curso foi oferecido para estimular a inserção dos temas nas escolas das comunidades e engajar as novas gerações na continuidade da luta por direitos e qualidade de vida.

Por: **Clara Machado**

O curso "A escola como formadora de pequenos conservacionistas", oferecido pelo Instituto Juruá, levou lideranças e representantes de associações do Médio Juruá para dialogar com professores rurais atuantes e em formação da região entre os dias 26 e 28 de fevereiro, na sede do município de Carauari (AM). O curso foi elaborado a partir de uma demanda do Fórum Território Médio Juruá (Fórum TMJ) que apontou a necessidade das futuras gerações darem continuidade à luta promovida pelos movimentos socioambientais no Médio Juruá. Esses movimentos têm subsidiado a construção de modelos de conservação de base comunitária de sucesso, tanto para a garantia da melhoria da qualidade de vida das populações locais, quanto para a conservação ambiental na Amazônia. No entanto, esses ainda são assuntos muito pouco trabalhados no chão das escolas das comunidades tradicionais.

O objetivo do curso foi oferecer um espaço formativo para compartilhar, de forma sistematizada, parte do conhecimento sobre conservação de base comunitária. Conhecimento esse acumulado ao longo de anos de luta e organização pelo movimento socioambiental no território do Médio Juruá. O curso também teve os objetivos de introduzir a elaboração de projetos escolares e munir professores comunitários de materiais didáticos que os auxiliem em sua formação continuada e em sua prática docente.

Participaram do curso 65 professores rurais do município de Carauari, além de 34 estudantes da turma de Pedagogia do Campo da Universidade Estadual do Amazonas (UEA). O curso foi uma realização do Instituto Juruá, em parceria com a Secretaria de Educação do Município de Carauari e a UEA, com apoio da Pulitzer Center e do International Conservation Fund of Canada.

Alguns participantes do curso "A escola como formadora de pequenos conservacionistas" em Carauari (AM). Foto: Phamela Barbosa.

No primeiro dia de curso, foram apresentados alguns materiais didáticos para serem usados em sala de aula, como a animação Turma do Juruá e o podcast Vozes do Juruá, assim como materiais para a formação continuada dos professores, como a reedição do livro Reserva Extrativista: mais vida neste chão, que conta a história de luta no território, e o livro Pedagogia do campo: as vozes do Médio Juruá – elaborado por estudantes do curso de Pedagogia do Campo da UEA – que relata as histórias de algumas comunidades da região.

A história da luta social do Médio Juruá e a conservação de base comunitária foram os temas principais do segundo dia do curso. Além disso, as mesas foram formadas por protagonistas desse movimento, ou seja, lideranças e representantes de associações relataram sobre a importância de seus trabalhos aos professores e deram dicas de como trabalhar esses assuntos em sala de aula.

Ainda no segundo dia, houve mesas com a temática "Educação", que ofereceram um panorama da educação no município de Carauari a partir dos temas da educação indígena, educação do campo e educação especial. Além de uma mesa sobre como engajar as futuras gerações nos movimentos sociais.

Ao fim do curso, houve uma capacitação na elaboração de projetos, e foram formados grupos de professores e estudantes de Pedagogia do Campo para criarem projetos escolares em educação, trazendo à tona os temas abordados durante o curso. Ainda haverá um encontro online com a equipe do Instituto Juruá para apoiar a escrita dos projetos e um encontro online final para a apresentação dos projetos desenvolvidos pelos grupos.

Todos os temas foram abordados por especialistas e representantes locais convidados. Dentre os convidados que tornaram esta formação possível, estão: Manoel Cunha, importante liderança local e atual gestor da Reserva Extrativista do Médio Juruá (RESEX Médio Juruá); Gilmar Leite, da Secretaria Municipal de Educação; José Alves (Silas), da Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá (AMAB); Roberto Cury da Associação dos Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Uacari (AMARU); Seu Bomba, antigo monitor de quelônios do Juruá; Francisco Pinto (Chico Velho), da Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODAEMJ); Ahe Joabs Kanamari, coordenador da educação indígena de Carauari; Jucileide Alves, coordenadora da educação especial de Carauari; Rosângela Cunha, da Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ); Maria Cunha e Marcos Cunha, do coletivo Jovens Lutando pela Caminhada (JLPC); Maria José, estudante pesquisadora da UEA; e Raimundo Nonato, presidente da Associação dos Moradores Extrativistas da Comunidade São Raimundo (AMECSARA).

Comunidade Bauana sedia o primeiro encontro da cadeia produtiva de oleaginosas no Médio Juruá

Por **Maria Julia Ferreira e Maria Cunha**

Ocorreu, entre os dias 20 a 22 de fevereiro, na comunidade Bauana (Carauari-AM), o primeiro encontro para discutir a cadeia produtiva de oleaginosas do Médio Juruá. O encontro foi organizado pelo Memorial Chico Mendes, com apoio de organizações parceiras. O evento contou com a presença de instituições, lideranças comunitárias e mais de 100 coletores tradicionais de sementes.

A cadeia produtiva das oleaginosas desempenha um papel de extrema importância, sendo crucial abordar esse tema para conscientizar as pessoas sobre a sua relevância. Ao discutir essa cadeia, compreendemos melhor os impactos ambientais e sociais associados e seu potencial para uma economia sustentável agregada dentro das comunidades locais da região do Médio Juruá. Assim, esse primeiro encontro foi muito importante, tanto para quem apoia quanto para quem acredita na potência das sementes, que geram qualidade de vida para suas famílias que vivem na e da floresta.

Participantes do Encontro da Cadeia Produtiva das Oleaginosas do Médio Juruá. Autoria: Desconhecida.

No primeiro dia do encontro, foi construída uma linha do tempo sobre a coleta de sementes no território do Médio Juruá. Durante a atividade , lideranças destacaram pontos-chave para o início desta cadeia produtiva na região, como um projeto de pesquisa desenvolvido no território no início dos anos 2000, que visava a produção e utilização do óleo de andiroba como biodiesel para geração de energia elétrica; e a festa do óleo que deixou claro que tal iniciativa não era economicamente viável, isso porque foram necessárias centenas de litros de óleo para gerar energia para 14 horas de evento. Após o ocorrido, a venda do óleo para a empresa multinacional Natura tornou-se uma alternativa para a comercialização do produto. Com o passar dos anos e a criação da Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODAEMJ) e da Associação do Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Uacari (AMARU), a coleta e venda de sementes oleaginosas – andiroba, murumuru e ucuúba – se tornaram algumas das principais atividades econômicas dos moradores do Médio Juruá. Essa reconstrução histórica foi mediada por lideranças comunitárias reconhecidas por terem destaque dentro dessa atividade produtiva ao longo das duas décadas de atividade.

No segundo dia do encontro, os participantes listaram de forma coletiva os gargalos da cadeia produtiva, diferenciando-os por etapa do processo produtivo: 1) planejamento estratégico, 2) viagem de monitoramento pré-safra, 3) contrato entre organizações de base e empresa, 4) contrato entre organizações de base e coletores, 5) coleta, 6) pré-beneficiamento feito nas comunidades, 7) escoamento para as indústrias, 8) beneficiamento nas indústrias, 9) análises químicas e 10) escoamento do produto final para a empresa.

Os problemas citados foram relacionados principalmente à: dificuldade de alcançar um óleo de qualidade; necessidade de melhorias na infraestrutura das indústrias; gasto de tempo elevado entre etapas do processo produtivo; desafios para aumentar capital de giro; e necessidade de melhoria na gestão das organizações de base.

Ainda nesse dia, as instituições e organizações presentes apresentaram possibilidades de apoio às atividades das oleaginosas e alguns projetos que já estão em andamento no âmbito dessa cadeia produtiva. Neste momento, o Instituto Juruá apresentou o projeto de pesquisa, iniciado em 2023 – o qual visa levantar dados robustos sobre o impacto ecológico, social e econômico da coleta de sementes oleaginosas – que vem sendo desenvolvido no território. Além disso, a equipe do Instituto Juruá sinalizou a aspiração em apoiar outras demandas relacionadas e, com isso, ajudar a fortalecer esta atividade tradicional do Médio Juruá.

Apresentação do Instituto Juruá no Encontro da Cadeia Produtiva das Oleaginosas do Médio Juruá. Autoria: Raqueline Nery.

Por fim, no terceiro dia, os participantes do encontro se dividiram em grupos para classificar os gargalos por ordem de prioridade. Nesse momento, também foram discutidas ações que podem solucionar ou amenizar algumas das dificuldades listadas, fortalecendo assim a cadeia produtiva das oleaginosas do Médio Juruá, devido à importância dessas sementes, que vai além do aspecto econômico. Elas estão intrinsecamente ligadas à identidade cultural e ao modo de vida dessas comunidades, mantendo tradições e práticas que estão enraizadas na história e no conhecimento local. Ao reconhecer o papel central das sementes na vida dos extrativistas, pode-se contribuir para a promoção da justiça social, do fortalecimento da agricultura familiar e da preservação da floresta.

Considerando isso, ficou claro a importância de se discutir demandas atuais da cadeia produtiva, e portanto, foi acordado que este encontro será realizado anualmente a fim de fortalecer os laços entre as comunidades coletoras de sementes oleaginosas e consolidar ainda mais essa atividade produtiva tão importante para o território.

iJNDICA

1.

FEMINISMO PARA OS 99%: UM MANIFESTO

Inspiradas pela erupção global de uma nova primavera feminista, Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, organizadoras da Greve Internacional das Mulheres (Dia sem mulher), lançam um manifesto potente sobre a necessidade de um feminismo anticapitalista, antirracista, antiLGBTfóbico e indissociável da perspectiva ecológica do bem viver.

2.

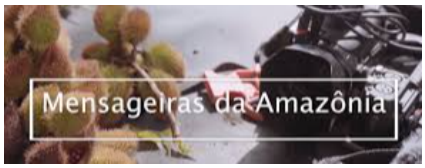
SEIVA BRUTA

Exibição e cinedebate do filme "Seiva Bruta", uma co-criação entre a Associação das Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ) com a produtora Fernanda Preto e organizações parceiras. A exibição será realizada pelo Comitê DEI da Associação de Estudantes de Pós-Graduação do Departamento de Pesca e Vida Selvagem da Virginia Tech University (EUA). Haverá exibição pelo zoom com presenças confirmadas do Instituto Juruá e das co-criadoras do filme.

3.

MENSAGEIRAS DA AMAZÔNIA: JOVENS MUNDURUKU USAM DRONE E CELULAR PARA RESISTIR ÀS INVASÕES

Videodocumentário em estilo reportagem, realizado pelo Coletivo Audiovisual Mdk Daje Kapap Eypi, liderado por Aldira, Beka e Rilcelia, para chamar a atenção de autoridades sobre as ameaças enfrentadas pelo povo Munduruku. Parcerias: Muzungu Produções e Repórter Brasil. Apoios: International Women's Media Foundation's Howard G. BuffettFund e Global Forest Watch.



Equipe de comunicação do Instituto Juruá
Nathália Messina, Raphael Chicayban, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter e Eduardo von Mühlen

Equipe de tradução do Instituto Juruá
Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

Diagramação
Mariana Bastos